

Padre Pio e sua amiga de Chicago, Illinois: Clarice Bruno

(Traduzido por André Carezia do original em inglês. A história abaixo foi tirada do capítulo 21 do livro “Pray, Hope, and Don't Worry: True Stories of Padre Pio”, de Diane Allen.)

Clarice Bruno nasceu em Chicago, Illinois, em uma família italiana católica e devota. Na juventude, estudou em escolas católicas, e graduou-se no Rosemont College, uma excelente instituição católica em Villanova, Pennsylvania. Clarice, de modo geral, dava pouco valor à sua fé católica. Duvidava de vários ensinamentos da Igreja. Em seu coração havia uma indiferença – uma apatia – para com assuntos religiosos. Embora assistisse às Missas aos domingos, ela não se considerava uma boa católica.

Clarice fez os preparativos para uma viagem a Chiavari, na Itália, com a intenção de visitar seus amigos e parentes. Era para ser uma visita breve, mas a coisa se esticou muito além do que tinha planejado. A viagem a Chiavari foi tão proveitosa que ela decidiu morar lá definitivamente.

Feliz por estar novamente junto a seus parentes, Clarice também se alegrava por fazer novos amigos. Uma noite ela teve um sonho intenso. Ela caminhava, no sonho, em direção à igreja de Nossa Senhora das Graças de Chiavari, quando de repente a estrada ficou coberta de grandes pedras. Ela tentou passar por cima delas, mas a tarefa se mostrou impossível. De repente, uma grande mão surgiu detrás das pedras e ajudou-a. Num piscar de olhos, ela se achou diante da igreja. O grande obstáculo tinha sido ultrapassado.

Na frente da igreja, Clarice viu um Calvário composto de três cruzes de madeira. Por causa da cena que se desenrolava no horizonte, ela não conseguia elevar o olhar acima da base das cruzes. Ao longe, no horizonte, ela viu o mar cintilando com beleza sobrenatural. Os raios do sol dançavam sobre a água, fazendo-a brilhar como diamante. Clarice não conseguia tirar os olhos do cenário beatífico, e sentia uma intensa alegria no coração. Quando acordou, ela refletiu sobre o significado do sonho. Ela nunca tinha experimentado um sonho com tal beleza, e ficou imaginando se poderia ser sinal de algo importante que estava prestes a acontecer na vida dela. Ela não sabia. Naquele tempo, Clarice lutava contra uma cruz pesada, uma tristeza em sua vida. Ao se levantar de manhã, sua cruz já esperava por ela. Ao adormecer à noite, sua cruz ainda estava junto dela. Ela foi perdendo a coragem, até que resolveu contar alguns de seus problemas a uma gentil mulher que havia conhecido pouco tempo antes. A mulher deu-lhe um conselho: peça a intercessão de Padre Pio. E partilhou com Clarice alguns fatos acerca da vida de Padre Pio.

Clarice, de início cética a respeito das palavras da mulher sobre Padre Pio, passou a ficar mais interessada quando a mulher lhe relatou algumas das graças que ela tinha recebido pela intercessão de Padre Pio. “Acho que você deve escrever uma carta ao Padre Pio”, disse a mulher. “Na carta, você explica tudo que a incomoda. E pede ao Padre Pio que reze por você.” Convencida afinal de que era uma boa idéia, Clarice rapidamente

escreveu uma carta e enviou-a, assumindo que o Padre Pio logo lhe escreveria de volta. Clarice imaginava que seria uma longa carta repleta de intuições espirituais e sábios conselhos. O que ela não sabia era que quem cuidava de toda a correspondência de Padre Pio eram seus secretários.

Uma noite, enquanto se preparava para deitar na cama, ela notou um perfume muito forte de rosas no quarto. E não conseguiu achar explicação alguma para a adorável fragrância, pois sabia que na casa não havia flores. Certamente não havia flores no quarto. Ela olhou até embaixo da cama para se certificar de que ninguém havia escondido rosas ali, mas, como suspeitava, não achou nada.

Na manhã seguinte, Clarice cumprimentou seu tio, seu pai, e vários outros amigos que estavam sentados à mesa de jantar no térreo. O tio de Clarice, que morava na casa com ela e sua família, contou-lhe a estranhíssima experiência que teve na noite anterior. Enquanto se preparava para deitar na cama, seu quarto foi preenchido pelo doce aroma de flores. Era um perfume fresco e delicioso de gardênia, depois cravos, depois violetas, e permaneceu no quarto por um longo tempo. Aconteceu entre meia-noite e meia e uma da manhã, e ele pensou se tratar de uma premonição da morte de algum amigo ou parente. Clarice disse ao tio que também ela tivera a mesma experiência aquela noite, com o delicioso perfume de rosas tomando conta de seu quarto por volta da meia-noite e meia.

Quando se encontrou novamente com a mulher que tinha lhe contado a história da vida de Padre Pio, Clarice contou-lhe a experiência que ela e seu tio tiveram em casa. A mulher explicou então à Clarice que o Padre Pio tinha o costume de fazer as pessoas saberem que ele estava intercedendo por elas, e o jeito de fazer isso era permitir que elas sentissem uma maravilhosa fragrância.

Clarice nunca tinha ouvido falar de tais dons, e pensou na carta que tinha escrito ao Padre Pio. Ele enviara a carta apenas três dias antes, e estava convencida de que ele tinha recebido e que seu espírito estava com ela, fato que ele demonstrava pelo perfume de rosas. Clarice sentiu que uma grande esperança crescia em seu coração. Tinha fé que o Padre Pio a ajudaria nas dificuldades.

Clarice escreveu uma segunda carta ao Padre Pio. Nela, agradeceu pela fragrância de rosas que ela tinha sentido. E incluiu um donativo dentro da carta. Ela disse-lhe que tinha fé nele, e que aguardava uma resposta. Poucos dias depois desta segunda carta, ela percebeu uma fragrância de lírios à volta dela. A maravilhosa fragrância começou repentinamente e com grande intensidade, desaparecendo tão rápido quanto começou.

Clarice decidiu escrever uma terceira carta ao Padre Pio, na qual agradeceu novamente a ele pela fragrância de rosas e lírios. Escreveu que estava esperando ouvir as palavras de sabedoria dele, e novamente incluiu um donativo dentro da carta. Depois de enviar a carta, os perfumes encantadores sumiram completamente. Não houve mais sinais tangíveis da presença de Padre Pio.

Clarice ia todos os dias ao correio para ver se alguma carta de Padre Pio estava esperando por ela, mas nenhuma carta chegava. Ela pensava muitas vezes em seu sonho, e na mão que a erguera por sobre a barreira de pedras, colocando-a bem na entrada da igreja de Nossa Senhora das Graças. Havia uma barreira em sua própria vida, uma cruz que ela carregava diariamente. Ela queria se livrar disso, mais do que qualquer outra coisa. Ela se apegava à esperança de que o Padre Pio pudesse ajudá-la.

Certa noite, o quarto escuro de Clarice ficou iluminado por uma suave luz, parecida com o luar. Ela viu, por mais incrível que fosse, o Padre Pio parado ao pé da cama. Ele estava usando uma túnica marrom dos capuchinhos. Ao redor da cintura ele usava a corda dos capuchinhos, e apoiava nela uma das mãos. Ele usava luvas cobrindo parcialmente suas mãos. Havia medo no coração de Clarice, ao mesmo tempo que não havia. Padre Pio disse a ela três palavras, mas ela não entendeu o significado das palavras. Ela tentou acender a luz ao lado da cama, mas por alguma razão a luz não funcionou.

Padre Pio repetiu uma segunda vez as três palavras, aquelas que ela não entendeu. E novamente ela apertou o interruptor para ligar a luz, mas a luz não ligava. Uma terceira vez o Padre Pio disse as palavras misteriosas. E então ele desapareceu. O suave brilho que lembrava a luz do luar desapareceu juntamente com ele. Clarice tocou no interruptor de luz e desta vez ela acendeu facilmente. No momento em que a luz acendeu, ela viu a porta do quarto abrir como se alguém estivesse deixando o quarto.

Ver o Padre Pio ao pé de sua cama era algo que Clarice nunca teria julgado possível. Tendo esperado tanto tempo por uma carta dele, e nunca tendo recebido nenhuma, ela já nem se preocupava mais com isso. Ela tinha recebido algo muito maior que uma carta. O Padre Pio tinha vindo pessoalmente. Clarice agora tinha certeza de que o Padre Pio estava ciente das necessidades dela, e de a guiaria pelo bom caminho.

Meses mais tarde, Clarice viajou a Roma para visitar sua grande amiga, Margherita Hamilton. Margherita, ao saber das coisas que Clarice tinha aprendido recentemente sobre o Padre Pio, disse que Clarice tinha que considerar uma visita ao Padre Pio em San Giovanni Rotondo. Depois de discutirem os detalhes, elas decidiram fazer juntas a viagem. Embarcaram em um trem em Roma para Foggia, e de lá pegaram um ônibus para San Giovanni Rotondo.

Quando Clarice e Margherita chegaram a San Giovanni Rotondo, sentiram como se tivessem voltado no tempo. San Giovanni Rotondo era uma vila primitiva naqueles anos após a II Guerra Mundial. Tanto os homens quanto as mulheres montavam em mulas e charretes puxadas a cavalo, e assim andavam pela cidade. Eletricidade e água corrente eram coisas escassas. Em algumas partes da cidade, inexistentes. Para chegar ao poço público, as mulheres locais andavam pela rua principal carregando ânforas. Clarice descreveu San Giovanni Rotondo como “um lugar semi-selvagem”.

Havia dois hotéis na cidadezinha, e nenhum deles estava em boas condições. Clarice e Margherita se consideraram sortudas por achar alojamento no mais limpo deles. Para chegar à Missa matutina do Padre Pio, elas tiveram que acordar no meio da noite e

andar no escuro por três quilômetros. Isso porque não havia, para guiá-las até a igreja, nenhuma luz na estrada.

Durante o primeiro dia em San Giovanni Rotondo, Clarice e Margherita conheceram Maria Pyle. Maria morava em uma casa espaçosa, localizada bem perto do mosteiro. Cercada por um bosque de amêndoas, a casa rosada de Maria era um refúgio para inúmeros peregrinos que vinham ver o Padre Pio. Clarice e Margherita tiveram sorte de conseguir alugar dois quartos na casa de Maria e ficar neles até o final da viagem.

Maria Pyle sabia que as acomodações eram escassas em San Giovanni Rotondo, e fez o possível para ajudar. Para oferecer hospitalidade aos peregrinos que precisavam de alojamento, ela colocou três camas desmontáveis no porão da casa. Para prover acomodações para mais gente, Maria construiu outro andar em sua casa.

Mesmo sendo muito grata pela hospitalidade, Clarice achava que o quarto oferecido por Maria Pyle deixava muito a desejar. Era úmido e frio, e Clarice não conseguia aquecer nem um pouco o lugar. Havia um forno a lenha no canto do quarto, mas estava lamentavelmente quebrado. A mesinha-de-cabeceira consistia em um pedaço de tábua sobre uma pilha de tijolos. A cama de Clarice era bem curta e bem estreita. O colchão, preenchido por folhas secas e palhas de milho, era no mínimo muito desconfortável. Apesar disso tudo, ela preferia esse quarto ao quarto do porão.

Maria era admirável, com seu verdadeiro espírito franciscano e seu desapego dos confortos e objetos mundanos. Sua própria cama era ainda menos confortável que a cama dada à Clarice. Era mais um baú de madeira do que uma cama. Ninguém conseguia entender como Maria conseguia dormir em uma cama tão dura. Era comum que as pessoas a provocassem em relação à cama, mas nunca conseguiram persuadi-la a trocar a cama por outra mais confortável.

Maria, nascida em uma família rica da cidade de Nova Iorque, visitou o mosteiro do Padre Pio pela primeira vez em 1923. Ficou tão impressionada de assistir à Missa dele e receber sua bênção sacerdotal, que decidiu se mudar definitivamente para San Giovanni Rotondo. Maria tinha abandonado realmente seu estilo de vida afluente da cidade de Nova Iorque.

Maria estava em vias de se mudar para um quarto pequeno e modesto perto do porão de sua casa, quando Clarice e Margherita apareceram pela primeira vez. O quarto que Maria vinha usando era grande e confortável, tendo inclusive uma varanda ensolarada. Para oferecer esse agradável quarto aos peregrinos, ela decidiu se mudar para o andar de baixo da casa.

Durante sua estadia em San Giovanni Rotondo, Clarice e Margherita ficaram impressionadas pelas várias obras de caridade de Maria. Muita gente na cidade era analfabeta, e sempre batiam na porta de Maria para que ela escrevesse cartas para elas. Elas ditavam as cartas e Maria escrevia. Ela sempre ficava muito contente por ser útil.

Juntamente com algumas companheiras, Maria assava as hóstias que eram usadas na Sagrada Comunhão no mosteiro, e costurava as vestes sacerdotais dos Capuchinhos. Trabalhava pesado, e tinha pouco tempo de sobra. O Padre Pio conhecia muito bem esse coração generoso de Maria. Ele sempre mandava à casa dela várias pessoas que tinham necessidades de algum tipo, sabendo que Maria daria o melhor de si para as ajudá-las.

As crianças em San Giovanni Rotondo adoravam visitar Maria em sua casa. Ela sempre jogava com elas, e sempre tinha pequenas recompensas para tais ocasiões. Um dos jogos preferidos era “Lotto”[1]. Maria sempre incluía alguma lição do catecismo quando as crianças da cidade a visitavam. Por causa dos esforços contínuos e dedicados dela, as crianças do local possuíam uma compreensão impressionante da fé católica. Quando as crianças estavam prontas para a primeira comunhão, e seus pais não tinham condições financeiras, Maria comprava ternos para os meninos e vestidos brancos para as meninas.

Clarice se considerava muito feliz por poder passar um tempo ao lado de Maria Pyle e de outras almas devotas que ajudavam na obra de Padre Pio. Desde que chegara, Clarice ansiava por ir se confessar com Padre Pio, e finalmente a oportunidade apareceu. Quando Clarice entrou no confessionário e se ajoelhou, ela se deu conta do fato de que a mão de Padre Pio estava pousada na corda de seu hábito capuchinho. E lembrou que a mão dele estava exatamente na mesma posição quando ele a visitou – por bilocação – na casa em Chiavari. Clarice também reparou nos olhos de Padre Pio, que pareciam ver bem lá dentro de sua alma. Havia também uma certa severidade no olhar dele.

No confessionário, Padre Pio disse a Clarice que somente ele iria falar. E começou então a nomear os pecados dela, um por um. A cada vez que ele listava um, ela confirmava que era verdade. Ele deu a ela um conselho em relação ao fardo que ela tinha carregado no coração por tanto tempo, e disse-lhe que ela estava enfrentando um “verdadeiro calvário”. “Mesmo que não consiga sentir alegria ao carregar sua cruz, tente pelo menos praticar a resignação e a paciência”, ele falou a ela.

A confissão com o Padre Pio terminou em menos de três minutos. Ela não precisou explicar coisa alguma a ele. Obviamente ele tinha ciência de tudo na vida dela. Em poucas e curtas palavras, ele foi capaz de aconselhá-la e renovar-lhe as esperanças.

Pelo fato da casa de Maria Pyle ser tão gelada, Clarice tinha o costume de caminhar rapidamente para cima e para baixo na rua defronte à casa, para assim tentar se esquentar. Um dia, enquanto caminhava diante da igreja de Nossa Senhora das Graças, Clarice olhou lá dentro e percebeu várias mulheres da cidade limpando a igreja. E ficou sabendo que elas seguiam regularmente um cronograma de limpeza semanal. Clarice se juntou às mulheres nessa tarefa e considerou isto um grande privilégio.

A igreja monástica de Nossa Senhora das Graças tinha uma simplicidade franciscana e uma beleza que elevava o espírito. Belas estátuas estavam dispostas nos nichos e alcovas, e uma cativante pintura de Nossa Senhora das Graças tinha seu lugar fixo no santuário. Sobre a mesa da comunhão ficava um arco no qual se pintaram rosas e lírios

bem delicados. Clarice se lembrava, com isso, de sua experiência em Chiavari, quando a agradável fragrância de rosas e lírios encheu o quarto.

Todas as tardes, os padres e irmãos capuchinhos se reuniam no coro da igreja para recitação de suas preces comunitárias. Nessas horas, Clarice e as outras mulheres que limpavam a igreja observavam um silêncio absoluto, e tomavam todos os cuidados para não atrapalhar os capuchinhos. Clarice conseguia distinguir, dentre todos, a voz de Padre Pio durante as orações em voz alta. Ele nunca se apressava com as orações, mas pronunciava cada palavra lentamente e com muita consideração. Clarice notava sempre uma certa tristeza na voz de Padre Pio quando ele rezava com seus confrades capuchinhos.

Clarice e Margherita conseguiam assistir à Missa do Padre Pio todas as manhãs, e consideravam isso um grande e inestimável dom. No momento da Sagrada Comunhão, as pessoas da assembléia caminhavam até o último degrau da escadaria do presbitério. Ali eles se ajoelhavam diante de Padre Pio para receber a Sagrada Comunhão. Isto evitava que ele tivesse que descer até a mesa da comunhão para distribuir a Sagrada Comunhão. As dolorosas feridas dos estigmas que perfuravam seus pés tornavam o seu caminhar muito difícil.

Após a Missa matutina de Padre Pio, ouviam-se as confissões na igreja até às 10 da manhã. Depois das confissões, cessava toda atividade na igreja, retornando apenas na manhã seguinte. Todos os dias de sua visita, Clarice e Margherita tinham tempo de sobra para explorar a cidade. De vez em quando, elas caminhavam até o cemitério onde os pais de Padre Pio estavam enterrados, e rezavam no túmulo deles.

Enquanto ficaram em San Giovanni Rotondo, Clarice e Margherita conheceram um homem gentil chamado Mário, que possuía um restaurante junto com sua esposa na cidade. O restaurante tinha um chão sujo e – coisa curiosa – um poço bem no meio dele. O restaurante mais parecia um quartinho do que um lugar para refeições. Nos dias frios, o vento soprava através das rachaduras nas paredes. Era com certeza um lugar bem primitivo.

A mulher de Mário tinha uma devoção ao Padre Pio. Uma ocasião, ao se confessar com Padre Pio, ela lhe contou sobre sua aflição com seu filho de quatro anos. “Estou preocupada”, ela disse ao Padre Pio. “Tenho que trabalhar no restaurante o tempo todo com o Mário, e não consigo dar ao meu filho o tempo e a atenção de que ele necessita.” Padre Pio disse a ela para não se preocupar. E disse que ele sempre cuidaria do filho dela, e o protegeria dos perigos. A mulher deixou o confessor muito consolada.

Alguns dias depois, a mulher ouviu o som de um grito vindo da rua. Ao sair correndo do restaurante para descobrir o que havia acontecido, ela viu o filho dela sendo tirado debaixo de um enorme caminhão. Depois, em confissão ao Padre Pio, ela contou a ele sobre o terrível incidente. “Meu filho quase foi morto por um enorme caminhão”, a mulher disse. “Bom, ele se machucou?” perguntou o Padre Pio. “Não, não se machucou”, respondeu a mulher. “Ele teve algum arranhão?” perguntou o Padre Pio. “Não, nem isso”, a mulher replicou. “Então”, disse o Padre Pio. “Eu lhe disse que o protegeria.”

Passaram rápido os dias da visita de Clarice e Margherita em San Giovanni Rotondo. Quando chegou a hora de voltarem para suas casas, elas sabiam que tinham sido abençoadas muito além das expectativas. Elas fizeram muitas viagens a San Giovanni Rotondo nos anos subseqüentes.

Certo verão, quando visitava o mosteiro, Clarice caiu muito doente. Era um doloroso problema intestinal, para o qual nenhum dos remédios que ela tentou foi de grande ajuda. Ela então se lembrou da água benta de Padre Pio. Havia um poço no pátio do mosteiro, e tanto o poço quanto a água haviam sido abençoados por Padre Pio. Muitos dos residentes da cidade tinham grande fé em seu poder curativo, e levavam a água para casa em garrafas. Clarice bebeu um pouco dessa água benta e foi imediatamente curada do problema intestinal.

Era comum que Clarice convidasse seus amigos e parentes para acompanhá-la em suas viagens a San Giovanni Rotondo. Ela também começou a organizar peregrinações, e foi importante ao fundar alguns grupos de oração do Padre Pio na região dela. Clarice se manteve dedicada à promoção do Padre Pio pelo resto da vida dela. “Tente ficar sob o olhar de Deus, e Deus vai sempre testemunhar por você”, disse-lhe o Padre Pio em uma ocasião.

Quando Clarice foi diagnosticada com uma doença incurável, sua fé permaneceu firme. Ela tinha esperança de se recuperar, mas estava completamente resignada à vontade divina. Ela dizia que a Divina Providência sempre tinha arranjado para o bem as coisas em sua vida. “Se acontecer de eu morrer logo, eu sei que isso será o melhor para mim”, contou ela à sua querida amiga Margherita Hamilton. Clarice Bruno morreu em paz, em 5 de agosto de 1970.

“Exorto vocês a se unirem a mim. Aproximemo-nos de Jesus para recebermos Seu abraço e um beijo que nos santifica e salva... Não cessemos então de beijar assim este Filho divino, porque se forem estes os beijos dados a Ele agora, Ele mesmo virá para tomar-nos em Seus braços e dar-nos o beijo da paz nos últimos sacramentos na hora da morte”. São Pio de Pietrelcina.

—

Notas:

[1] Lotto é um jogo tradicional nos EUA; é jogado como Bingo, só que com desenhos ao invés de números.